

NOTA DOS EDITORES ■

A trajetória política do Brasil é, sobretudo, uma trajetória autoritária. Em pouco mais de cento e noventa anos de história independente somam-se não mais que quarenta anos de preitos livres por meio dos quais a sociedade brasileira pode escolher diretamente a chefia do poder executivo nacional.

O primeiro ensaio democrático, entre 1945 e 1964, foi permeado por profundas crises e instabilidades e o aparecimento de lideranças carismáticas em detrimento de representantes atinados às reais necessidades da sociedade brasileira constitui a base personalista e por vezes messiânica do populismo. A democracia instável e rarefeita foi mais uma esteira para o retorno de velhas forças conservadoras do que uma etapa à acumular experiência democrática para o Brasil.

Se o período populista não pode ser explicado sem a compreensão de suas lideranças, o mesmo se pode dizer da recente abertura pós regime militar. A figura de Tancredo Neves é decisiva: remete ao típico perfil conciliatório dos líderes políticos brasileiros unindo o tradicional ao moderno e organizando a transição de forma passiva. Figura típica ainda reuniu as qualidades – pela habilidade e pelos momentos derradeiros na vida e na política – do espírito que a cultura política do brasileiro requeria.

A primeira eleição direta para presidente após o regime militar também não pode ser compreendida sem que se proponha uma caracterização do candidato que a venceu. Fernando Collor soube usar os novos tempos a seu favor. De figura praticamente desconhecida do grande público, elegeu-se para “salvar a pátria” e ocasionou em meio a uma crise política muito similar àquela que derrubara Jânio Quadros em 1961.

Frente a estabilidade do presidencialismo brasileiro, queira-o de coalizão ou não, após a presidência de Itamar Franco, com a sucessão de três presidentes, a democracia brasileira parece se consolidar ainda sob o comando de lideranças formadas na esteira do fim do autoritismo e do conseqüente processo de redemocratização. Neste sentido, o estudo do tema das lideranças políticas se faz mister: o quer herdamos das velhas lideranças do passado? Que perfil de lideranças políticas a redemocratização tem produzido? Qual a importância das velhas e novas lideranças na atual democracia brasileira? Não são outras as perguntas desse dossiê da Revista Aurora sobre Lideranças Políticas.

O número abre com artigo de Carlos Melo que propõe uma definição do conceito de liderança política em “Notas e reflexões sobre Liderança Política: contribuição para delimitação de um campo de estudo e segue com análises mais detidas em personalidades da política do País, com “Paulo Maluf: ascensão e declínio de uma liderança política” de Marco Antonio Teixeira e “Tancredo Neves: o desenrolar de uma liderança política” de Tathiana Chicarino, bem como Carla Montuori que em “As representações midiáticas de Dilma Rousseff no cenário político brasileiro” analisa as relações da atual presidenta da República com a mídia de massa o que contribui para os fundamentos de análises que buscam compreender o papel das lideranças políticas na atualidade. O

Dossiê se encerra com a coluna de Vera Chaia na qual propõe uma reflexão sobre a gênese e a fabricação da liderança política.

Completam a edição dois artigos recebidos ao longo da última edição da *Aurora*: Katia Saisi fundamenta um interessante panorama sobre aspectos dos processos eleitorais no Brasil e países vizinhos em “Marcos jurídicos das campanhas eleitorais na América Latina no século XXI e Luís Fernando Zulietti assegura a linha de reflexão sobre as artes no instigante “As linhas, formas, movimentos e o contraste das luzes e das sombras na composição das series *La Tauromaquia*” de Goya e Picasso.

Agradecemos a todos os colaboradores e desejamos a todos uma excelente leitura.

Os editores

Junho de 2012